

RESOLUÇÃO DE CONJUNTURA INTERNACIONAL

É HORA DE DETER A BARBÁRIE!

1. O período político em que vivemos tem um primeiro marco que foi a crise de 2008 e seus desdobramentos. Esta crise, caracterizada pelo estouro de uma bolha especulativa construída na esfera financeira de acumulação, precipita um conjunto de revoltas populares. Questionando os partidos tradicionais tanto da direita quanto da centro-esquerda, uma nova geração de ativistas surgiu no calor desse ascenso, dando base para o desenvolvimento (onde já existiam) e a constituição (onde não existiam) a novas formações de esquerda radical e/ou anticapitalista.

2. Embora uma depressão tenha sido evitada pelos governos imperialistas através dos

gigantescos resgates das empresas consideradas “grandes demais para quebrar”, bem como de novos mecanismos financeiros como o Quantitative Easing, e de selvagens planos de ajustes contra os trabalhadores, particularmente na Europa e nos países periféricos, não foi possível alavancar um novo ciclo de crescimento capitalista. O resultado foi um crescimento econômico pífio durante praticamente uma década, que pôs fim ao consenso neoliberal e marcou o fim do equilíbrio capitalista que até então combinava concorrência e cooperação.

3. Abriu-se um período de acirramento da disputa entre os estados-nações. A decadência relativa dos EUA enquanto potência hegemônica foi acompanhada pela crise da União Europeia e a ascensão desafiadora da China enquanto uma nova potência mundial e de novas potências regionais como a Rússia, Irã, Índia, dentre outras. Frações do imperialismo, particularmente nos EUA, passaram a questionar a eficácia da ordem mundial estabelecida desde o pós-guerra, remodelada com o fim das experiências do Leste Europeu. Surgiu uma extrema-direita anti-establishment que passou a questionar as instituições e organismos políticos, financeiros e militares multilaterais internacionais, bem como a democracia liberal enquanto regime de dominação. Na Europa ganhou impulso uma extrema-direita “eurocética”, além de distintos tipos de correntes fascistas, todas tendo como parte

de sua ideologia a xenofobia, o machismo, LGBTfobia e o racismo. A eleição de Trump, em 2017, foi o ponto alto alcançado por essas correntes que passaram a ganhar uma relevância internacional.

4. Novos movimentos sociais, com os setores mais oprimidos à frente, logo começou-se a construir uma resistência à ofensiva da extrema-direita. A luta das mulheres, dos negros, dos indígenas e pelo clima, desencadeou jornadas de lutas históricas, abrindo caminho para a retomada das lutas em várias partes do globo. Já em 2017, ocorreram as mobilizações das mulheres estadunidenses contra a posse de Trump, e a poderosa mobilização do #EleNão contra a eleição de Bolsonaro no Brasil. Em 2019, uma “onda verde” pela legalização do aborto tomou conta da Argentina. No Chile, a luta das mulheres foi acompanhada de multitudinárias mobilizações de rua.

5. Em 2020, a pandemia pegou de surpresa o mundo e expôs a debilidade do sistema capitalista. A destruição dos habitats e a regressão dos ecossistemas terrestres decorrente do modelo de produção capitalista é, em última instância, co-responsável pela transmissão zoonótica de vírus que até então estavam harmonicamente hospedados em espécies selvagens há milhões de anos. Essa transmissão, por sua vez, é potencializada pelo comércio de animais silvestres e a criação de animais em escala industrial.

6. A economia de um mundo que girava em alta rotação foi freada bruscamente produzindo uma queda de 4,3% do PIB mundial. Combinada com a crise econômica precedente, a pandemia encontrou um sistema de saúde pública fragilizado pelas privatizações, abrindo uma crise sanitária em escala mundial. A população não restou outro caminho se não se recolher às suas casas. Essa crise geminada – econômica e sanitária – levou a um aprofundamento brutal da crise social, refletida na queda da renda e no aumento do desemprego. Soma-se isso o fato de que agravada pelo negacionismo dos governos e correntes de extrema-direita, se por um lado levou ao desgaste e o avanço da experiência com os mesmos, por outro já vitimou quase 5 milhões de pessoas em todo mundo.

7. A presente crise, no entanto, tem suas origens no passado. Desde os anos 80 aumenta a desigualdade social em todo o mundo, a partir da ampliação dos ganhos de produtividade obtidos com a aceleração da inovação tecnológica e sua

concentração em parcelas diminutas das sociedades. Mesmo com o crescimento econômico, que em geral viabilizou a redução da miséria absoluta em boa parte do mundo, melhorando índices de mortalidade infantil, de acesso a saneamento, água potável, educação e saúde, isto ocorreu simultaneamente à maior concentração de renda e de disparidades sociais da história da humanidade.

8. Este cenário se desenrola gerando uma crise ambiental sem precedentes. Os padrões de produção e consumo impostos pela necessidade de valorização do capital coloca toda a vida humana em risco. A crise climática é a contra face da crise do modelo capitalista. Portanto, consideramos as ameaças à vida na terra parte integral da crise orgânica do capital, reconhecendo a necessidade de um modelo ecossocialista para a superação das graves ameaças que vivemos.

9. A tendência à queda da taxa de lucro do capital e a crescente dificuldade em realizar lucros pela insuficiência de renda por parte de enormes contingentes populacionais foi enfrentado abrindo uma nova esfera de acumulação de capital através da especulação financeira, do endividamento estatal e da oferta de crédito. Quando a crise estourou em 2008, encontra um cenário de grande desigualdade social tanto nos países centrais como na periferia do sistema.

10. Em paralelo, a reestruturação produtiva substituindo trabalho humano por automação na indústria bem como a deslocalização de parte desta para a China, eliminou inúmeros postos de trabalho de maior remuneração, e deslocou milhões de trabalhadores para atividades de baixa produtividade e remuneração no setor de serviços. Este fenômeno foi intenso na Europa e EUA bem como nos cinturões industriais da América latina. Para gerações de trabalhadores que imaginavam ter saberes e profissões garantidos para o resto da vida, o futuro carrega uma enorme insegurança.

11. Esta reestruturação produtiva chega agora aos serviços com a automação de inúmeras atividades; na medicina com aplicativos de diagnóstico, no ensino com a generalização do EAD, com a informatização de atividades na área de contabilidade e advocacia, com o comércio online, automação bancária, etc. Trabalho de maior qualificação é extinto empurrando a força de trabalho excedente para atividades de subsistência de baixíssima remuneração.

12. Em paralelo o trabalho se desconcentra espacialmente e se fragmenta em

contratos individualizados e múltiplos. O fracionamento da venda da força de trabalho, para variados "empregadores" sem direitos trabalhistas, a sua substituição pela venda direta do fruto do trabalho via "empreendedorismo do desespero" vem crescendo em proporção geométrica. Enquanto na sociedade industrial operários se concentravam nas fábricas numa lógica que favorecia a solidariedade, a sociedade digital estimula a contratação personalizada de serviços produzindo, por consequência, o isolamento dos trabalhadores e uma força de trabalho marcada pela heterogeneidade.

13. O sentido de pertencimento a grupos sociais, no entanto, continua presente. No vácuo dos aparatos organizados pela lógica direta de classe na contradição entre capital e trabalho, crescem pela direita, o fundamentalismo religioso, o nacionalismo xenófobo, as seitas supremacistas; mas crescem também pela esquerda movimentos de lutas urbanas por habitação, transporte, saúde, entregadores de aplicativos, vendedores ambulantes, movimentos de mulheres, luta antirracista, movimentos de povos indígenas e LGBTQIA +. Compreender estes movimentos como parte das múltiplas resistências da classe que vive d trabalho é tarefa primordial da esquerda como forma de se contrapor a uma extrema-direita que cresce no mundo disputando exatamente as mesmas parcelas das classes trabalhadoras organizando-as em torno de agendas reacionárias.

14. As crises que vêm afetando os sistemas políticos, em geral lastreados em partidos da direita liberal e da centro-esquerda moderada, são resultado do desencanto de milhões de trabalhadores que perdem suas referências de futuro e se tornam presas fáceis do discurso "antissistema" dos neofascistas, que tal como na década de 30 buscam responsabilizar pela crise grupos sociais mais vulneráveis. Onde ontem foram os judeus, hoje são os imigrantes, as mulheres, os LGBT ou minorias étnicas.

15. A crise do neoliberalismo, seja ele administrado pela direita mais dura, seja por administrações com algumas preocupações sociais - em ambos os casos com o aprofundamento da desigualdade e do desespero - não se resolve sem uma profunda alteração da correlação de forças que dispute a apropriação dos ganhos de produtividade do avanço tecnológico a favor das classes trabalhadoras. Pautas como a redução das jornadas de trabalho, da idade mínima de aposentadoria, de programas de renda mínima que eliminam a oferta de trabalho a qualquer preço, de

garantias previdenciárias universais como direitos de cidadania desconectados da necessidade de comprovação de contribuição, devem voltar para a agenda.

16. Com a crescente globalização do capitalismo e a integração de cadeias produtivas em escala planetária, torna-se mais do que nunca imperioso que os partidos anticapitalistas busquem a maior interação possível e ação em escala global como forma de enfrentar a chantagem recorrente da ameaça de deslocar a produção para terceiros países com menos direitos sociais. Por isso, o PSOL trabalhará para articular uma rede de partidos que tenham como propósito esse objetivo estratégico.

17. A pandemia do coronavírus acelerou alguns destes processos em curso, aumentando o trabalho a distância, a fragmentação do trabalho e sua precarização, acelerando processos tecnológicos que representarão ganhos de produtividade e novos ciclos de concentração de renda se a correlação de forças não for alterada de forma significativa. Mas ao mesmo tempo, também revelou a falência da globalização neoliberal e suas promessas de universalização do acesso a serviços com a diminuição do Estado.

18. O mundo unipolar que nasce da queda do Muro de Berlim chega ao fim com a emergência da China como potência econômica e tecnológica capaz de rivalizar com os EUA. Ao contrário de outros períodos, a disputa entre a China e os EUA não se organiza pelo controle de regiões produtoras de matérias-primas e energia ou de mercados para escoamento de suas produções industriais, mas por áreas de hegemonia tecnológica e em breve por áreas de hegemonia de moeda de referência.

19. Os países da periferia que viram o abismo tecnológico que os separa dos países centrais, entre eles a China, aumentar nestas últimas décadas se tornaram meros espectadores desta disputa entrando apenas como mercados consumidores. A velocidade da transformação tecnológica não apenas concentrou renda dentro dos países como aumentou a desigualdade entre eles. Pensar, portanto, o papel da América Latina e do Brasil na disputa de outro modelo é fundamental. Nem China e nem EUA representam um modelo a ser seguido.

20. Todas estas transformações têm um caráter desestabilizador para os sistemas políticos constituídos pelo consenso liberal-keynesiano do pós-guerra.

Isso explica as enormes manifestações de massa que desde a crise de 2008 vêm ocorrendo no mundo, sendo a América do Sul palco do último ciclo, no Chile, Colômbia e Equador, em particular. Sob a pandemia, esse ascenso, ao contrário de ser freado, ampliou-se em todo o continente a partir da rebelião antirracista nos EUA. Ele esteve na base da derrota do golpe contra Evo Morales e da vitória do MAS nas eleições da Bolívia, no fim da Constituição pinochetista e da eleição de uma nova Constituinte protagonizada pela esquerda no Chile, na eleição de Pedro Castillo no Peru e, finalmente, da derrota de Trump nas eleições dos EUA, debilitando a extrema-direita em nível internacional. Abriu-se um novo momento no cenário político internacional que a esquerda deve aproveitar.

21. O PSOL deve alargar sua articulação com outras forças políticas anticapitalistas do mundo, em particular da América Latina, como forma de compartilhar experiências, unificar diagnósticos e propostas de ação. Em um mundo cada vez mais globalizado, com economias crescentemente mais integradas esta ação é essencial. Além disso, os impactos da crise ambiental não respeitam fronteiras, exigindo uma ação articuladas entre povos que compartilham territórios, como demonstra a importante resistência pan-amazônica.

22. Na América Latina as crises que a Venezuela e Cuba enfrentam são decorrentes da maior eficiência das sanções econômicas orquestradas pelos EUA que conseguem impedir que outros países desenvolvam relações econômicas normais com estes países de uma forma que não seria possível décadas atrás. O compartilhamento tecnológico e a integração de cadeias fazem com que, por exemplo, a Embraer não possa vender aviões a Cuba ou Venezuela por ter componentes eletrônicos estadunidenses. O poder imperial de retaliar países que se mantenham em conflito com o imperialismo aumentou muito e esse fato deve estar claro para a esquerda.

23. Por fim, reconhecemos a necessidade de denunciar as manobras golpistas dos últimos anos, que tiveram como propósito desalojar projetos progressistas que buscavam dar uma resposta alternativa - ainda que limitada - à crise do capital. Os que sobreviveram politicamente até aqui foram aqueles que radicalizaram seu enfrentamento ou foram perseguidos, mesmo com as limitações deste ciclo progressista, que não superaram os modelos de desenvolvimento extrativistas, revelando seu esgotamento. Por isso, reconhecemos a necessidade de um novo

ciclo de lutas por outro modelo econômico, político, social e ambiental.

24. Diante disso, entre nossas tarefas, apontamos:

a) Articular uma rede de partidos anticapitalistas na América Latina, que dialogue com experiências noutras partes do mundo;

b) Reforçar a solidariedade com os povos oprimidos do mundo, em particular palestinos, curdos, saharauís e outros vitimados pelo colonialismo e pelo racismo;

c) Reafirmar solidariedade com processos de resistência popular, indígena, feminista e anticolonial;

d) Denunciar todas as formas de xenofobia exercidas pelas forças de extrema-direita em quaisquer países do mundo;

e) Aprofundar o diagnóstico acerca da crise da globalização neoliberal e a escalada de destruição ambiental, colocando o ecossocialismo como perspectiva estratégica para a humanidade.

7º Congresso Nacional do PSOL, 25 e 26 de setembro de 2021.